Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

ABRIL DE 1904

5.ª Serie — 10.º Anno

N.º 16

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

A Immaculada Conceição e o triumpho da Egreja
I Parte — **Secção doutrinal:** A Immaculada Conceição, (Attitude de S. Boaventura). — Decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. — Santo Protector para o mez de maio. — Virtude para imitar. — Exame sobre esta virtude. — Indulgencias.
II Parte — **Secção Historica** : O antiphonario gregoriano (suas origens). — D. Joaquim da Bôa Morte — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — **Leituras amenas:** Se eu tivesse mãe !... — Elevação da alma a Deus (Poesia).
IV Parte — **Culto de S. Antonio:** O Pão de S. Antonio em Braga, Guimarães, Villa da Magdalena, Ilha do Pico (Açores), Fundão, Santo Thyrso, Villa Verde d'Alijó, Barcellos, Porto, Passos de Ferreira, Vinhaes, Os nossos defunctos.
V Parte — **Secção Scientifico-litteraria:** Quadros Biblicos. — Os seculos a vôo d'aguia (Poesia). — As nossas illustrações.
VI Parte — **Chronica Universal :** Echos das missões em Africa.
Gravuras : Dom Joaquim Augusto de Barros, Bispo de Cabo Verde, José Duarte Serdeira, Surrexit non est hic! Praça de D. Pedro IV (Porto), Torre dos Clerigos (Porto).

Em vez de Chronica Ligeira

E' d'uma flagrante moralidade o artigo d'um nosso collega e nacionalista de Guimarães com o titulo

«O osculo de Judas

— Quanto me quereis dar?... e eu vo-lo entregarei!

Offerecem-lhe trinta dinheiros!

Judas acceita o ignobil partido e vae executal-o. Approxima-se do Mestre, sauda o e abraça-o. Por este signal é que os inimigos de Jesus de Nazareth o haviam de conhecer. E os soldados iam precipitar-se sobre Elle.

— A quem procuraes vós? lhes disse Jesus.

E esta palavra, um «sopro de Deus», derriba no pó do caminho a horda furiosa, que já levantava a mão contra Elle. Não se toca no corpo sagrado do Filho do Homem, antes que Elle o tenha permittido.

Pedro lança mão da espada para defender seu Mestre. Mas o Mestre detem-no. E os soldados, vindos a si do assombro, levantam-se, ligam o Prisioneiro, que se lhes entrega, e arrastam-no.

Judas desapparecera, levando os trinta dinheiros!...

Pouco depois o traidor sabe pela voz publica que Jesus vae ser morto. E o remorso entra finalmente em seu coração!... Mas é tarde demais. Este remorso é a desesperação! Corre ao templo. Roja-se aos pés dos que lhe pagaram a traição.

— Eu entreguei, diz, o sangue do Justo. Não quero o vosso dinheiro.

— Isso é lá comtigo: é a resposta que lhe dão com altivo desprezo.

E Judas, furioso, arremessa o dinheiro maldito ás lages do templo, e vae morrer como um covarde, enforcando-se! Se antes fizera penitencia, fôra decerto perdoado, porque a misericordia divina é sem limites.

*

Todos os nossos leitores sabem esta lamentavel historia, uma das mais tristes dos annaes da pobre humanidade. E, se n'estes dias, em que se commemora a morte do Redemptor, nós lha recordamos, como as narrações evangelicas nol-a têm redito varias vezes no correr d'esta grande semana, é porque nos parece que d'ella podem brotar algumas uteis reflexões.

*

O nome de «Judas» é a ignominia sem par. E' a offensa mais cruel que póde dirigir-se a uma creatura humana. E todavia quantos «Judas» em todas as edades do mundo, em todas as classes da sociedade, e até entre os eleitos do sanctuario?!...

*

— Quanto me quereis dar?..

— Serás par do reino; serás deputado; serás ministro; terás cortesãos; terás palacios, grande estado, tudo...; farás a lei, mas a lei que eu ditar e só essa, a lei que me approuver a mim e aos meus, a lei que rehabilita Barrabaz...

— Está concluido. Por trinta dinheiros o Justo!... E antes de lhe dar a ultima miseria, a prisão, o exilio, a morte, eu o calumniarei; eu o diffamarei; eu me empenharei em o tornar odioso ou pelo menos esquecido. Eu repetirei que elle é a «lepra que cumpre extirpar»; direi que elle é ladrão, quando é notorio que eu é que o sou; direi que elle é um «corruptor publico», um «agitador das multidões», que deve ser eliminado da sociedade.

Está dito! Por trinta dinheiros o Justo!...

*

— Quanto me quereis dar?...

— Terás honras e dignidades; serás collocado nos mais rendosos beneficios; terás titulos, trajos de mais alegre côr; terás louvores que façam as vezes da virtude; gosarás de grande influencia... Mas não renegarás nunca inteiramente o teu caracter para, á custa d'elle e por elle, melhor me defenderes a causa e mais crueis damnos causares na que finges promover...

— Prompto! Por trinta dinheiros o Justo!... Eu amoldarei as verdades catholicas ao gosto moderno; calar-me-hei quando o julgardes conveniente; evangelisarei as vossas ideias; apresenntal-as-hei como inoffensivas; propagal-as hei com a palavra e com o exemplo; direi insolencias contra quem as reputar incompativeis com o Catholicismo, comprarei votos para ellas, e para maior efficacia venderei o meu a quem o pagar melhor!... Eia pois! Por trinta dinheiros o Justo!...

*

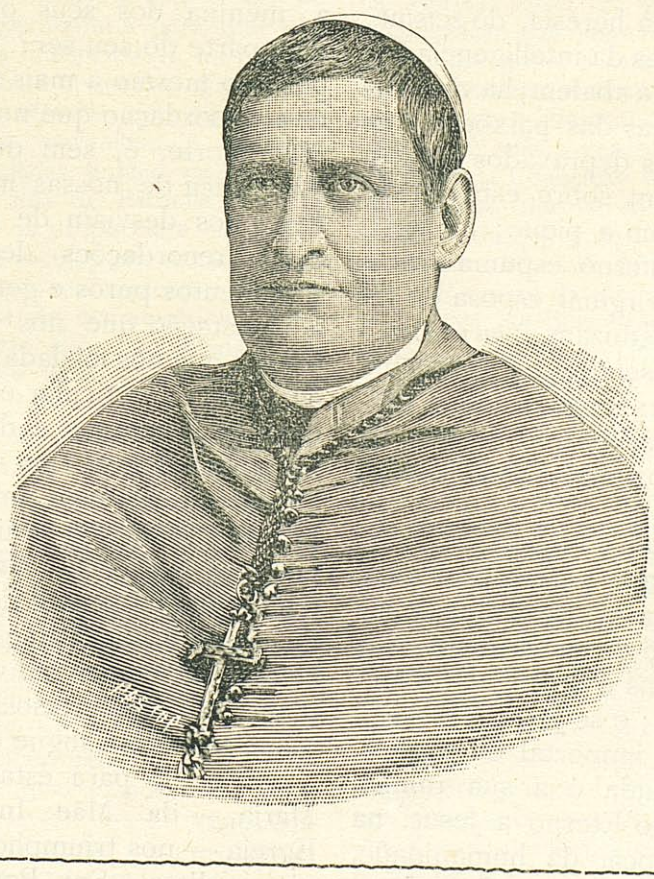
Amostras da historia de Byzancio, na epocha da dominação dos histriões, dos bobos rhe-

9.º anno — N.º 16 5.ª SERIE Abril — 1904

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Editor — D. J. de Souza Gomes. *Pap. e Typ. Universal* — Augusto Costa & Mattos.



DOM JOAQUIM AUGUSTO DE BARROS, BISPO DE CABO-VERDE

A Immaculada Conceição e o triumpho da Egreja

A ETERNIDADE da Igreja está exarada com profundos sulcos em cada pedra dos circulos de Roma, Cartago, Hispalis e Sagunto; os seus triumphos lêem-se no orbe inteiro, em caracteres de sangue dos seus milhões de martyres. Ha vinte seculos que redemoinham em torno d'esta columna os tufões da heresia, do scisma, — das aberrações da intelligencia humana, — sem que a abalem; ha vinte seculos que as vagas das paixões e vicios dos corações depravados mugem eriçadas e cahem sobre esta barca, sem que a mettam a pique; ha vinte seculos que o inferno espuma raivas em roda d'esta virginal esposa de Jesus, sem que a seduzam. *Non prævalebunt.* Triumpha sempre e cada seculo que passa é um novo tropheu glorioso que regista com o sangue de seus filhos nas paginas da sua historia gloriosissima.

Tal força, tal coragem no meio das luctas, de que parece tirar vida, haure-a a Egreja no lado aberto de Jesus, na virtude de seu sangue. Mas o sangue de Jesus é o sangue de Maria Immaculada; e se Jesus Christo é o rei eterno e immortal da Egreja, Maria Immaculada é a sua rainha, pois a associou o Eterno a Jesus, na obra da Redempção da humanidade, de que Maria é realmente Corredemptora. Que desvelos, que solicitudes não tem tido, atravez dos seculos, esta Immaculada Rainha sobre os seus vassalos, nas guerras que têm batalhado contra o inferno, quantos tropheus não lhes tem preparado essa Mãe, *cheia de graça?*

As prosperidades de um reino muito dependem da influencia da sua rainha, o futuro de uma familia como poderá dar-nos esperança sem o amparo de nossa mãe?

«Assim como na vida humana, diz o Snr. Bispo do Funchal, na sua pastoral d'este anno, desempenham papel importantissimo nossas mães, o mesmo succede na ordem religiosa e christã. Quem nos abriu os olhos á luz da fé, senão aquellas que nos trouxeram no seu seio e nos amam como a menina dos seus olhos e como uma parte do seu ser? E certamente por isso mesmo a mais terna e, indelevel recordação que nos acompanha até á morte, é, sem duvida, a doce lembrança de nossas mães. Quantas vezes nos desviam de mau caminho essas recordações despertando-nos sentimentos puros e generosos! Uma admoestação que nos foi feita, uma prenda que nos foi dada, tem sobre nós um condão particular e suggestivo de bons pensamentos e de boas obras. Se a bondade divina nos enriquece n'esta vida terrena com um semelhante thesouro dignou-se ainda conceder-nos uma perola de inestimavel valor, dando-nos na pessoa de sua Mãe Immaculada a nossa Mãe sobrenatural e celeste! E' uma dadiva logo immediata á do seu preciosissimo sangue, que é tambem sangue de Maria.»

Olhando para esta influencia de Maria, — da Mãe Immaculada da Egreja — nos triumphos do Christianismo, disse o Snr. Patriarcha na sua pastoral d'este anno:

Se pela aurora é licito prognosticar qual será o dia, de triumpho e de felicidade deverão ser os dias de Pio x, que tem como

aurora do seu reinado os fulgores da victoria da Mulher sobre a serpente; victoria que foi a origem de todo o bem para o genero humano.

Ha cincoenta annos um outro Pio derramava torrentes de jubilo nos corações catholicos, proclamando dogma de fé aquella crença em Maria Immaculada que nenhum bom filho recusava á sua Mãe do Céo, ao menos como tributo de amôr e piedade! Esse Pio, cuja memoria saudosa e bemaventurada, jamais se apagará, veio dar satisfação aos desejos ardentes dos filhos da Egreja no momento em que elles mais precisavam d'esse conforto. Approximavam-se tremendos dias de lucta entre os filhos das trevas e os filhos da luz. Aquelles pareciam mais numerosos; estes menos. Pelo lado d'aquelles estavam todos os poderes da terra, todas as armas e toda a força; estes, como sempre, só contavam com a sua fé. Era necessario corroboral-a para que não desfallecesse. Era indispensavel, na perspectiva d'um combate desegual, que precedesse o signal da victoria. Este signal, que estava promettido, não falhou. A aguia dos apostolos evangelistas tinha-o previsto na sublime visão da ilha de Patmos. Envolto no veu nebuloso da prophecia e do mysterio durante vinte seculos, era tempo de apparecer em todo o seu esplendor. Pio IX com mão tremula de commoção e jubilo, mas segura e forte pela infallibilidade de quem não erra no lance, rasga de alto a baixo esse veu. Oh! prodigio!

A visão do Evangelista repete-se, não já em figura, mas em toda a sua realidade. Aos olhos de Pio IX e do universo o signal de novo apparece no céo *et signum apparuit in cœlo*. E' uma Mulher de pé sobre o throno da lua, vestida de sol, coroada de estrellas. Pio IX ao vêl-a exclama: E' Maria Immaculada! E a sua voz repercutida em todos os angulos do universo annuncia á Egreja Militante que o signal da victoria é Maria, Immaculada na Sua Conceição. Um Ave Maria Purissima! rebenta do coração de todos os fieis, qual explosão de amor que não pode mais conter-se. Hossana, hossana a Maria Immaculada! é o grito de alegria, de gloria, de prazer indiscriptivel que anima todos os corações, que fortalece todos os peitos, que torna invenciveis todos os braços para a lucta, cuja victoria é certa. Cincoenta annos de lucta são passados, e as trevas ainda não venceram, nem vencerão jamais. O grande signal de victoria continua a vêr-se no céo.

Um dos fins principaes da Egreja é dar gloria ao Omnipotente pelas infinitas graças que tem distribuido ao genero humano, e levar a cabo os designios altissimos de Deus sobre a humanidade; e se n'este intuito tem triumphado do inferno, inimigo da gloria de Deus, e eterno oppositor das suas obras, foi por Maria, foi pela sua Mãe Immaculada.

«Mas a vencedora da serpente, continua o illustrado prelado, foi Maria, pela sua Conceição Immaculada, e esta victoria é a victoria da Egreja. E' fim da Egreja Santa dar gloria a Deus pela manifestação das maravilhas operadas pelo infinito poder e infinita bondade para com os homens, e ainda pelos tributos de homenagem e adoração com que estes Lhe retribuem; mas a verdadeira gloria só Maria pela sua Conceição Immaculada a pode dar a Deus, porque só ella não impediu nunca os designios de Deus sobre o genero humano, só n'ella brilhou em todo o seu esplendor o sol da eterna Luz e Graça. Só Maria pela sua Conceição Immaculada é o signal da victoria de Deus sobre a serpente, que manchou todos os filhos de Adão, e portanto o unico e verdadeiro tropheu do poder de Deus sobre o dragão. Sem a Immaculada Conceição de Maria poderia dizer-se que Lucifer impedira a execução dos designios do Altissimo sobre a mais bella das suas obras na terra, o genero humano, conseguindo arrancar-lhe todas as creaturas sem excepção, desde a sua origem, destruindo por completo sobre ellas a imagem do seu Creador, para lhe imprimir o caracter de dominio e escravidão de Satanaz. Só Maria pela sua Immaculada Conceição pode dizer ao inimigo: Aqui cessa o teu poder e dominio, tua cabeça está debaixo do meu pé; em mim só Deus, meu Creador, reina e governa, por mim foste vencido. A par d'esta sublime manifestação do poder de Deus pela Immaculada Conceição, revela se a Bondade Infinita, não permittindo a nossa total ruina. E' pela Immacnlada Conceição que nós pode-

mos tambem dizer a Satanaz: venceste a fraqueza de nossos primeiros paes e por elles nos vences a nós tambem, mas a nossa raça não ficou toda tua escrava, porque ha uma mulher nossa irmã, que te esmagou a cabeça e cuja planta em vão tentaste morder; portanto o genero humano, muito embora por uma unica de suas creaturas, ainda te venceu. E' assim que a Egreja por Maria Immaculada, glorifica verdadeiramente a Deus e revela aos homens a maior manifestação do Infinito Poder e Bondade. Pelo mesmo motivo só Maria, em virtude da sua Conceição Immaculada, pode solver para com Deus a grande divida de gratidão do genero humano; só ella pode prestar-lhe os tributos de verdadeira homenagem e adoração de que somos devedores, porque só ella pode ser a hostia santa e immaculada, só ella é pura, e sem mancha, de quem Deus nunca afastou os olhos, contra quem nunca esteve irada a divina Justiça; só ella a medianeira cujas mãos são dignas de offerecer a Deus o resgate pela nossa culpa.

Reflexionando na historia do christianismo, concluimos que a Egreja triumphou, triumpha sempre, porque é santa. A fé pura dos seus filhos, a sua honestidade de vida, a firmeza da sua crença — a sua santidade — captivava os incredulos, vencia a ferocidade dos despotas, e desfazia a crueldade dos tyrannos.

E d'onde se irradia sobre a Egreja o fulgor d'essa santidade attrahente, invencivel, senão desse VASO INSIGNE DE DEVOÇÃO que esparge sobre a Egreja raios immaculados de fé, piedade, de amor, de constancia — de santidade?

Ouçamos ainda o sabio e zeloso Pastor:

A Egreja tem por caracter essencial a santidade. Nunca ella viveu sem um grande numero de santos no seu gremio. Mas nenhum d'elles pode copiar em si a bella imagem da Santidade divina tal qual Deus a communica e que fica sendo o reflexo brilhante da perfeição celeste. Só Maria teve esta graça pela sua Immaculada Conceição, e assim só ella pode representar esta nota da Egreja em toda a sua plenitude; só ella pode ser chamada a Santa por excellencia, como só Deus é santo por essencia.

Do mesmo modo que no corpo animado ha um membro, ou orgão principal, onde reside a maior intensidade de vida, que o espirito vivificador communica a todo o ser, e que por isso se torna como que o centro de vida de todo o corpo, d'onde ella se deriva aos demais membros, na proporção das relações mais ou menos directas, em que se acham com aquelle orgão principal, assim na Egreja Catholica, corpo mystico de Jesus Christo, que Elle anima com as divinas emanações da sua graça, ha esse grande centro de toda a vida sobrenatural da Egreja, Maria Immaculada, que directamente recebe do Creador a plenitude da graça sanctificante, para a communicar a todos os demais membros vivos da Egreja.

E assim percebemos como a Mãe de Deus pela sua Conceição Immaculada é o centro da vida da Egreja Catholica, porque sem esta prerogativa de immaculada não poderia nunca ser constituida o centro de toda a graça. Por este mesmo privilegio ella é Mãe do Fundador da Egreja, Christo Jesus, a Esposa do Sanctificador das almas, o Espirito Santo, luz e guia da mesma Egreja.

Percebemos egualmente como por este mesmo principio as grandes obras da Egreja, manifestações da sua vida sobrenatural, são inspiradas e vivificadas por Maria Immaculada; e por isso onde quer que admiremos um effeito da santidade, ahi temos de reconhecer um influxo da Immaculada.

A Egreja pois triumphou, e triumphará sempre por Maria Immaculada, sua Mãe, sua Corredemptora e Rainha, e por Maria Immaculada ha de triumphar tambem o christão, que fitar os olhos confiados n'essa *Estrella Immaculada da Manhã* da eterna vida.

Quem não vê, pois no enthusiasmo com que Portugal, filho primogenito da Immaculada Conceição, se prepara para festejar a sua immaculada Padroeira, um symptoma de

resurgimento moral, uma esperança de novos triumphos para a causa religiosa?

A nossa patria nasceu sob a tutela de Maria, os seus primeiros passos na vida das nações deu-os sob o manto d'essa Mãe, a quem solemnemente tomou por especial patrona sob o titulo de Immaculada; os seus doutores juravam defender-lhe estes privilegios dos ataques dos seus inimigos, e annualmente pagavamos á Immaculada Conceição tributo da nossa vassalagem. Maria Immaculada é pois mais nossa mãe, que d'outra nação, e terá para comnosco particulares dadivas, se voltarmos com a fé de outrora, a refugiar-nos sob o seu manto tutellar.

Secção doutrinal

A Immaculada Conceição

(Attitude de S. Boaventura)

(Continuação e fim)

Os doutores escholasticos anteriores a S. Boaventura tratavam a questão da Conceição de Maria apenas sob dois pontos de vista.

O mesmo mestre de S. Boaventura e seu predecessor na cathedra de Theologia de Paris, Alexandre d'Hales pensou ter resumido e esclarecido a questão só com ter affirmado que Maria não foi *sancta* antes da recepção da alma, e no entanto foi santa em seu nascimento, logo santificada *depois* da recepção da sua alma. Por esta razão defeituosa na exposição do problema elles fechavam o caminho a toda a sua clareza, comprehendido e deffendido a plena luz, com suas distincções multiplas e necessarias, senão na nova escola franciscana, posterior a S. Boaventura, que foi a escola escotista. Mas o doutor seraphico fez avançar um passo á these, não a declarou impossivel; antes pelo contrario fez ver as suas conveniencias multiplas, e sem a affirmar por si, abriu caminho a seus successores e lhes forneceu todos os seus argumentos sob uma forma bem clara.

Na segunda questão do seu commentario, S. Boaventura pergunta a si mesmo, se Maria foi santa *in ipso instanti infusionis animae.*

Desenvolvendo esta questão com uma verdadeira complacencia adduz cinco razões, que militam em favor da Immaculada Conceição.

As duas principaes são: a pureza de Maria a mais alta depois da de Deus e este axioma catholico de que a honra dada a Maria é honra feita a seu filho. Boaventura comtudo inclinou-se ao sentir contrario, julgando a solução mais commum então, a mais rasoavel e menos perigosa.

Não queremos concluir d'estas palavras, que os fieis do seculo XIII fossem todos d'esta opinião. Não, o povo christão, «a multidão simples e ignorante» como se exprime S. Bernardo, todos os que não participavam da escola tinham seguido o movimento do seu coração, e *a priori*, tinham affirmado a perfeita santidade da Santa Virgem, sem se importar nada com as subtilezas dialeticas. Do mesmo modo que os padres dos primeiros seculos tinham raciocinado com o coração e defendido a Immaculada Conceição; assim faziam tambem os fieis, em particular S. Francisco de Assis, alma simples e sublime cuja vida foi escripta mais tarde por S. Boaventura. Diversamente andaram os theologos-philosophos d'aquelle tempo quando quizeram systhematisar as crenças e encerrar estes dados no enredo das distincções e termos aristotelicos; não conseguiram senão por uma formação lenta. Geralmente furtaram-se a embaraços com uma rara habilidade; no entanto, na questão da Immaculada Conceição foram victimas do seu systhema. Assim aconteceu aos doutores de então e em especial a S. Boaventura. As circumstancias de tempo e logar, as tradicções e o ensinamento dos seus mestres o collocaram em face d'uma dupla alternativa: ou enfileirar-se com os pretendidos innovadores, approvar o privilegio de Maria, e, segundo as ideias de então, rebaixar a dignidade de Christo, no qual está a redempção a salvação e a vida; — ou então, outra hypothese

possivel, affirmar de novo a these tradicional da Escola, reconhecer a mancha universal da posteridade de Adão, e esclarecer assim os meritos de Christo, insuficiencia da nossa pobre natureza decahida, a incommensuravel distancia, que separa Jesus Christo, o Justo, o Santo, de todos os filhos dos homens manchados desde a aurora da vida não produzindo senão fructos de corrupção e de morte.

Por falta de uma distincção, que não appareceu senão mais tarde e que deu occasião a uma terceira solução que era a do povo de então e dos padres dos primeiros seculos, Boaventura não soube reagir contra a corrente que o arrastava. Abraçou a opinião desfavoravel a Maria, «como a menos perigosa.» Esta palavra denota bem o seu estado da alma, as incertezas de um homem em presença de duas soluções igualmente insuficientes e perigosas, sem encontrar a terceira, sahida que contentaria sua rasão e seu coração.

*
* *

S. Boaventura, como qualquer homem, pagou seu tributo aos preconceitos e incertezas da sua epocha; e se ninguem escapa a esta dura necessidade, nosso santo doutor menos que qualquer outro parecia predestinado a evital-a. Elle, tão modesto, tão moderado, tão respeitoso da tradicção não teve nunca a audacia dos outros doutores.

Levado pela tendencia natural do seu espirito para as sentenças mais piedosas, escolheu a que se alliava melhor com a sua piedade. Infelizmente não bastava, mas tambem adoptando-a, fez ver bem as repugnancias espontaneas da sua alma tão devota de Maria, fiel n'isto ao conjuncto da sua doutrina, que forma, se pode dizer um resumo de bellas paginas sobre a Santissima Virgem e grandes principios d'onde devia sahir mais tarde, como uma flor da sua haste a affirmação cathegorica da Immaculada Conceição de Maria.

P. Romain R.

Decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares

As recepções invalidas, os noviciados e profissões dos irmãos da Terceira Ordem de S. Francisco, são sanados ***in radice.***

Beatissimo Padre. Fr. Boaventura Marrani, Procurador geral da Ordem dos Frades Menores por consentimento do Supremo Moderador da mesma Ordem, humildemente se prostra aos pés de Vossa Santidade, expondo o seguinte:

E' notorio por experiencia ao *Orador*, que muitas das vestiduras e profissões dos irmãos e irmãs da Terceira Ordem da Penitencia de S. Francisco foram irritas, ou por falta das legitimas faculdades nos sacerdotes, directores das congregações ou por vicios essenciaes nas recepções dos Terceiros ao habito e profissão, ou pela deficiencia da materia dos escapularios.

Portanto, sendo difficil renovar tantos noviciados e profissões de Terceiros, o mesmo *Orador*, submisso roga encarecidamente a V. Santidade, se digne remover todos os vicios até este dia, que irritam a admissão ao habito, noviciado e profissão dos irmãos da Terceira Ordem secular, e que sane, *in radice* e approve todas estas recepções, noviciados e profissões dos Terceiros, para que os Fieis que dão o nome á Terceira Ordem de S. Francisco, não sejam privados sem culpa, dos bens espirituaes que d'ella promanam.

E Deus etc.

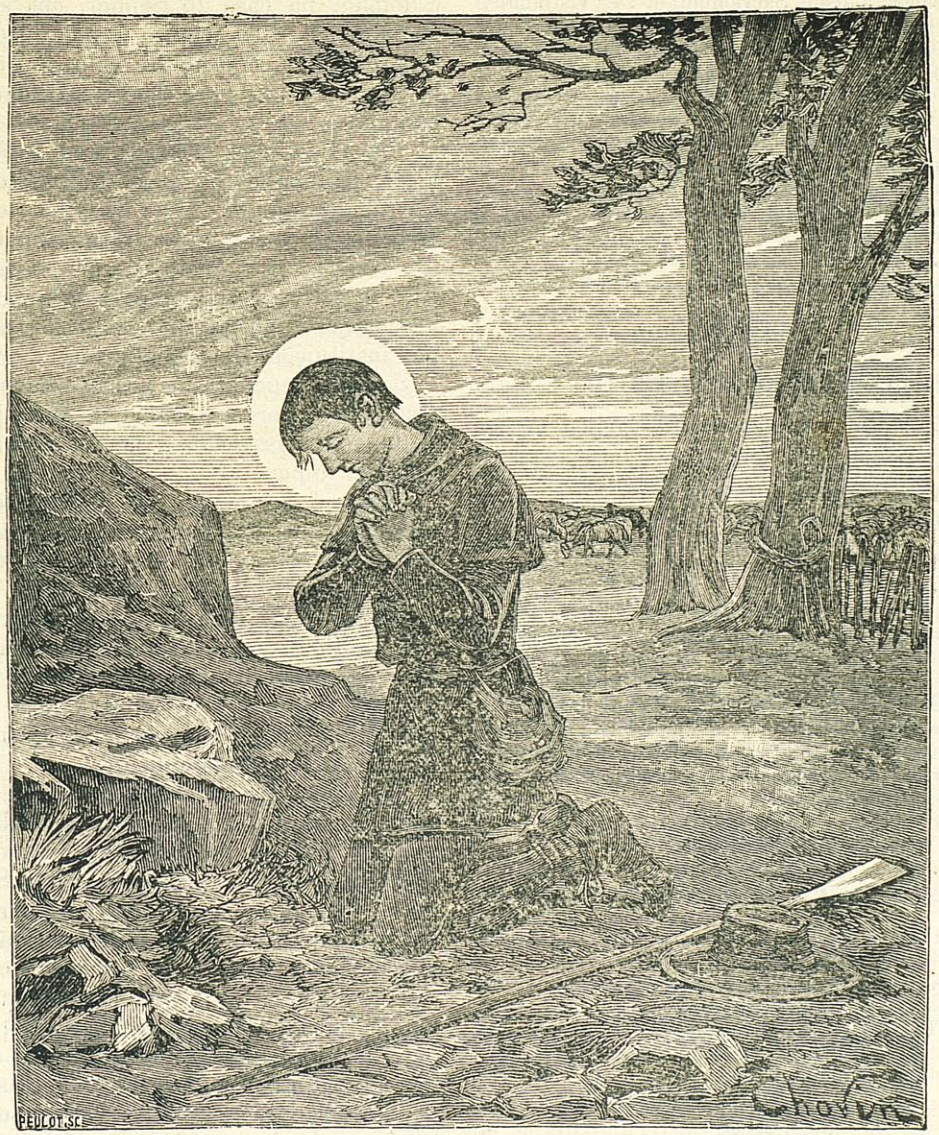
Em virtude das faculdades especiaes concedidas pelo nosso Santissimo Padre, a Sagrada Congregação dos E.E. e R.R. Cardeaes da Santa Egreja Romana que preside aos negocios e consultas dos Bispos e Regulares, ouvidas as rasões expostas, sana *in radice* e revalida em tudo todas as recepções, noviciados e profissões dos irmãos da Terceira Ordem secular, segundo a petição.

Não obstando qualquer coisa em contrario.

Roma 3 de Fevereiro de 1904.

D. Card. Ferrata, *Pres.*

L. † S. Filippe Giust. *Secret*



S. PASCHOAL BAILÃO

SANTO PROTECTOR PARA O MEZ DE MAIO

S. Pascoal Bailão. — Já publicamos o resumo, mais ou menos extenso da sua vida em abril do anno findo. A presente gravura representa a S. Pascoal extatico, no monte guardando o seu rebanho, que pasta retirado.

VIRTUDE PARA IMITAR

Devoção á Eucaristia. — A sympathia para com Jesus sacramentado é um signal de predestinação, disse um auctor; o devoto da Divina Eucaristia é pois um predestinado.

As pessoas que se amam provam o seu amor, visitando-se muitas vezes, comendo á mesma mêsa frequentemente, pensando de continuo nas pessoas de sua affeição. Sereis amigos de Jesus Sacramentado se o visitardes muitas vezes, se comerdes frequentemente o seu Divino Pão á mesa eucaristica, se no meio dos vossos trabalhos vosso coração se lembrar de Jesus Sacramentado muito frequentemente. Os corações que se amam soffrem com vêr padecer o objecto das suas predilecções; quanto não soffre Jesus na Eucaristia? Se o amais soffrei tudo para lhe desaggravar o seu Coração.

De tres modos, pois, imitareis a S. Pascoal

na devoção a Jesus Sacramentado: 1.º visitando-o sempre que tenhaes occasião propicia, nas egrejas onde espera os seus amigos para lhes fallar ao Coração; 2.º não podendo fazer esta visita, por estar distante o tabernaculo de Jesus, fazei-a em vossa casa, em qualquer hora do dia ou da noite que tenhaes de vago; 3.º commungando frequentemente; se não sois dignos d'isso, procurae sel-o. 4.º commungando espiritualmente muitas vezes ao dia, pelo menos todos os dias, desejando ser digno de receber a Jesus no vosso coracão. 5.º levantando, frequentes vezes, a Jesus Sacramentado, o vosso coração, dizendo qualquer jaculatoria que saibaes.

EXAME SOBRE ESTA VIRTUDE

Examinae se tendes sido frio, indifferente para com o Santissimo Sacramento; se vos lembraes d'elle só quando entraes na egreja. Se commungaes raras vezes e só para não dar nas vistas do proximo. Se commungaes frequentes vezes, examinae, se tendes melhorado a vossa vida: se sois humildes como Jesus, se sois obedientes como Jesus, castos, caritativos, soffredores como Jesus. Quem se alimenta de Jesus deve transformar a vida da sua alma na vida de Jesus Sacramentado. Examinae se vos lembraes amante de Jesus Sacramentado, se tendes desejos de o visitar e receber. O homem tem-o seu coração onde está o objecto da sua sympathia; se amaes a Jesus do tabernaculo, o vosso coração estará sempre á porta do sacrario, embora o vosso corpo esteja em casa nas occupações domesticas.

Indulgencias Plenarias (de 10 de abril a 15 de março)

Abril.—No dia 16 commungando e renovando a profissão; no dia 24 e 28.

Maio.—Nos dias 3; no dia 12 (Quinta-feira da Ascenção) indulgencia plenaria da bula, das Estações de Roma, e da Ordem Terceira, 13, plenaria nas egrejas franciscanas da Primeira Ordem, visitando-as e commungando.

Secção historica

O antiphonario gregoriano (1)

Suas origens

João Diacono, escriptor do seculo IX (872), deixou-nos uma vida de S. Gregorio na qual declara, que o illustre pontifice «semelhante a um sapientissimo Salomão, na casa do Senhor, em vista da compuncção, que inspira a doçura da musica, compilou com muito cuidado um antiphonario centão para maior utilidade dos cantores.» (1)

D. Gueranger observa com razão, que «estas expressões, *compilavit, centonem*, dão a entender, que S. Gregorio não pode ser considerado como autor propriamente dito dos trechos, que compõem seu antiphonario; de sorte que, acontece com o canto ecclesiastico o mesmo que com todas as grandes instituições do catholicismo: a primeira vez, que se encontram nos monumentos da tradicção apparecem, como um facto já existente, e sua origem se perde n'uma antiguidade impenetravel.» (2)

Esta é a opinião de D. Pothier, que affirma, que «S. Gregorio não inventava nada, nem innovava, mas recolhia da tradição musical da Egreja Romana.

Seria facil provar, que a maior parte dos canticos contidos no antiphonario (ou Gradual)-gregoriano são anteriores a S. Gregorio M. Emfim, o canto da Egreja nasceu com ella e como ella mergulha as suas raizes no antigo testamento. (3)

D. Mocquerean usa da mesma linguagem: «nada mais falso, diz elle, nada mais opposto a todos os dados historicos e sobretudo aos monumentos, que um S. Gregorio, fazendo-se musico barbaro para agradar aos barbaros. Alem d'isso, o canto gregoriano não data de S. Gregorio, como o Sacramentario, que corre com o seu nome; ambos lançam as suas raizes n'um passado em que floreiam ainda as tradicções antigas da litteratura romana. As melodias, como as palavras fazem lembrar um mundo todo empregnado de recordações e de monumentos da antiguidade classica. Têem uma sci-

(1) No seculo IX a expressão generica de antiphonario applicava-se ás compilações diversas de cantos sagrados; mas em Roma designava mais particularmente o livro das antiphonas da missa, enquanto que se dava o nome de *cantatorium*, á compilação dos *Alleluias* e dos versos do gradual, e o de *responsoriale* ao livro dos responsos do officio (*V. Amalarius, de ordine antiphonarii*, in prologo)

(1) In domo Domini more sapientissimi Salomonis propter musicae compunctionem dulcedinis, antiphonarium centonem cantorum studiosissimus nimis utiliter compilavi (Joannes Dixer, vita S. Gregorii, l. 2, c. 6)

(2) D. Guerauger, *Institutions liturgiques*, t, I, p. 1 6 3.

(3) *Revue du Chant Grégorien* de Grenoble, novembre 1893, p. 52,53.

va litteraria, uma forma doce e nobre; fructos d'uma civilisação, que por sua vez, herdeira das felizes invenções do genio humano e do beneficio das verdades divinas sabe admiravelmente servir-se das primeiras para ornar e compôr as segundas. Não nos maravilhemos de encontrar no Sacramentario um latim digno dos mais bellos seculos, e no Antiphonario um canto capaz de deleitar os ouvidos mais delicados.» (1)

Vê se pelas autoridades, que acabamos de citar, que as melodias lithurgicas remontam, senão ás origens do christianismo, ao menos, á epocha em que acabadas as perseguições e feito christão o imperio romano, a Egreja pôde expor á luz do dia a pompa das suas ceremonias e fazer echoar com toda a liberdade nas suas basilicas os cantos e os hymnos consagrados ao louvor divino.

Com effeito, «parece facil de estabelecer, diz D. Germain Morin, que desde o IV seculo a maior parte dos canticos actualmente em uso na missa existiam quer em Roma, quer nas grandes egrejas em estreita união com Roma. Antes de tudo, ponhamos de parte o Gradual: ninguem contestou nunca a sua antiguidade. Para o introito existia evidentemente antes de Celestino, se admitte que o Papa não fez senão ajuntar o canto alternativo do psalso á antiphona primitiva. (2)

«Para o Alleluia, é certo, que no seculo V se cantava já em Roma em todas as missas do tempo paschal, enquanto que, no principio, ao que parece, se havia começado por cantal-o sómente no dia de Paschoa. S. Gregorio estendeu o seu uso a todas as festas do anno excepto da quaresma e do tempo da septuagesima.

«Restam os cantos do Offertorio e da Communhão, que foram introduzidos em Carthago em vida de S. Agostinho. Ora, reconhece-se na Africa uma conformidade quasi absoluta com os costumes de Roma. Ha pois fundamento para dizer, que o canto da communhão deve remontar, approximadamente ao fim do IV seculo.» (1)

Para achar a origem das grandes solemnidades da Egreja, é necessario remontar tambem, bem para lá de S. Gregorio.

O Advento tinha começado a observar-se em Roma antes d'esta epocha, bem que posteriormente a S. Leão; porque o Sacramentario Gelasiano contem já cinco missas para os domingos do Advento, ao passo que o Ambrosiano e o Mozarabe têem seis, o missal de Bobbio tem tres, e o Missale Gallicanum *vetus* possue duas (2). Como no Gelasiano e tambem no Gregoriano estas missas se encontram collocadas no ultimo logar, alguns concluiram d'aqui que eram uma addicção (3); mas o doutor Probst faz observar com rasão, que o anno ecclesiastico começava então pela festa do Natal, e que o Advento, que é tambem uma preparação á segunda vinda de Jesus Christo, tinha por conseguinte seu logar natural no fim do anno (4).

O Natal e Epiphania eram celebrados em Roma e em todo o Occidente, ao menos desde o principio do seculo V; egualmente as festas de S. Estevão, de S. João e dos Santos Innocentes (5). O tempo paschal e o pentecostes remontam á mais remota antiguidade, e as seis semanas da quaresma eram observadas em Roma desde a metade do seculo V (6).

As missas das ferias da Quaresma figuram já no Gelasiano, salvo as das quintas-feiras, que não foram providas de missas, senão por S. Gregorio II, no começo do seculo VIII.

Quanto ás missas dos domingos do anno não se encontram no Gregoriano ainda que se encontre, ao menos em parte, no Gelasiano só o titulo de *Orationes et preces pro Dominicis diebus*. D. Germain Morin escreveu a este proposito: «ninguem se en-

---

(1) Paléographie musicale A. I, Introdouction générale, p. 43.

(2) A opinião mais commum entre os antigos lithurgistas e tambem a mais provavel, attribue a introducção do introito ao papa S. Celestino I, porque os documentos anteriores mostram que a missa começava então pelas leituras.

(1) Germain Morim, *Les véritables origines du chant Gregorien*, p. 46.

(2) Probst, *Die aeltesteu roemichem Sacramentarien und Ordines*, Miisnter, 1892, p. 277.— Cf, Paleographie musicale, A. V, p. 105.

(3) Mous. Magani, *l'antica liturgia romana*, Milano, 1897, t. I, p. 239.

(4) Probst, op. cit., p. 280.

(5) Mgr. *Duchesne Prigines docuete chrétieu*, 3.ª, edit. p. 257.

(6) Ibit., p. 244.

ganará, penso eu, affirmando, que ellas existiam, ao menos em substancia muito antes da reforma gregoriana. Contam entre as peças que, segundo Alcuino: «S. Gregorio havia emittido no seu Sacramentario, porque tinham já sido dispostas por outros antes d'elle (1).

Todas as grandes solemnidades lithurgicas existiam por tanto muito antes de S. Gregorio, e se encontram já no Sacramentario Gelasiano e em parte, ao menos no Leonino. O cyclo do anno ecclesiastico era já constituido e comprehendia o tempo do Advento, Natal, Epiphania, Quaresma, Paschoa, Ascensão e Pentecostes.

(Continúa).

D. Joaquim da Bôa Morte

Sobranceira á estrada que liga as Caldas das Taipas á Povoa de Lanhoso, a 30 metros de distancia, fica a parochial egreja de Santo Emilião em uma esplanada pittoresca cercada de verde-negras oliveiras, carvalhos frondosos, larangeiras copadas. Ao fundo, por entre prados verdejantes, deslisa o Ave em murmurios brandos.

No adro da egreja, á porta principal para o lado da epistola, á flor da terra, está uma lagem de granito onde avulta, em relevo, modesto vaso de flores com tres simbolicos suspiros singelos.

Na parte superior d'esta lagem ergue-se outra pedra onde se depara, tambem em relevo, um livro aberto, uma cruz, uma estola e um barrete coral e d'onde pende uma alampada cuja luz pela devoção do povo d'aquelles arredores é alimentada.

Tudo isto são adornos humildes d'uma campa rasa... Mas com que impressiva eloquencia nos fallam á alma!

Na lagea tumular, em caracteres luctuosos, está gravada esta legenda:

Aqui jaz D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura, Conego Regrante de Santo Agostinho, natural de Medeiros, Montalegre. Nasceu em 11 de janeiro de 1814; falleceu em 22 de abril de 1903.

Orae por elle.

Quem foi este homem, cujos restos mortaes alli repoisam assim venerados pela piedade do povo crente?

Quem era esse nonagenario cujo tumulo ainda mal cerrado ostenta as insignias da virtude dos santos, que a gratidão do povo fervorosamente alli vae depor? (1)

Era um homem de valor moral inconfundivel, quiçá irrealisavel n'estes dias de calamitoso aviltamento em que triumpham os ouropeis falsos e as lentejoilas baratas.

Viveu o crepusculo derradeiro da vida a dois passos do lindo logar delicioso onde ora repoisam as suas venerandas cinzas.

Viveu alli n'um isolamento mundano completo, com os seus livros e com o seu breviario — os amigos mais leaes e mais sinceros que podia escolher paaa a velhice. Não subiu ás eminencias sociaes: não teve assento nas cathedras universitarias, não foi guindado ás alturas do episcopado, porque não quiz. Sobravam-lhe meritos para tudo isso: tinha-os para muito mais.

*

Aos 4 annos de edade veio de Montalegre para Donim, freguezia limitrophe de Santo Emilião, onde era parocho seu tio Bento de Moura.

E, já n'essa edade tão infantil, se lhe perguntavam, como se costuma perguntar ás creancinhas: de quem és mais amigo? d'este ou de aquelle?, respondia sempre: *sou amigo de todo o mundo.* Ainda ha pouco alli viviam testemunhas d'este episodio que, aos olhos de muitos, não será digno de consideração, mas que realmente parece, nos labios innocentes do menino, o indicio do magnanimo coração do homem que veio a ser.

Aos 12 annos foi para o collegio de S. Caetano, em Braga, e, aos 16, para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Professou n'este celebre claustro.

Tal foi o seu aproveitamento no curso de sciencias ecclesiasticas, que lhe mereceu a nomeação de reitor do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, aos 20 annos de edade.

Extinctas n'essa occasião as ordens religiosas não chegou a exercer o *munus* de que o incumbira a Congregação.

Tendo vindo para a companhia do seu tio abbade, prégou a quaresma seguinte no templo de S. Bento, em Santo Emilião.

Um amigo meu, discipulo do chorado morto, conta-me, em carta que me serve de guia n'estes apontamentos, que muitos dos que se dirigiam para ouvir o sermão quaresmal diziam, n'um surriso de quasi desdem: *vamos ouvir o rapazinho...* E, em espectativa desanimada, entraram no recinto sagrado, mais por curiosidade do que por espirito christão. Mas apparece no pulpito o moço egresso. A gravidade do seu porte, a luz dos olhos vivos, todo o seu perfil imponente impressionava logo favoravelmente a assembleia dos fieis.

As suas palavras, inflamadas no amor divino, subiam-lhe do coração aos labios e jorravam o manancial suavissimo da fé sobre as almas que, extaticas, lembravam a avidez dos israelitas junto ao rochedo do Horeb ferido pela vara de Moysés.

Como orador foi distinctissimo entre os distinctos. O raro dote de convencer tinha-o elle em subido grau.

Elle amava extremosamente as verdades da fé. Sentia-as.

Porisso as suas palavras eram luz que dissipava a sombra do vicio nos corações e calor que fundia as almas no amoroso abraço da virtude.

(1) D. *Morit*, op. cid., p. 50.

(2) Varias offertas são alli qurdadas, offerecidas pelos fieis que a D. Joaquim agradecem favores recebidos.

Passando já dos 30 annos, e havendo ha pouco subido ao presbyterado, matriculou se na Universidade de Coimbra cursando triumphantemente a faculdade de philosophia: foi alli premiado 3 annos, não o sendo nos restantes, por haver *perdão d'acto*.

Seguidamente á formatura entregou se ao magesterio com dedicação egual á superior competencia da sua illustração.

Leccionou em Braga theologia e philosophia.

Passou depois algum tempo em Pedralva, na casa da familia Gil de quem era parente, ora em Ronfe, onde era parocho seu irmão Antonio.

Ficando vaga S. Martinho de Campo, de Lanhoso, parochia de parcos proventos, e chegando ao conhecimento do distincto doutor, n'uma occasião da sua estada em Pedralva, da dificuldade com que luctava o respectivo arcypreste em conseguir parocho idoneo para alli, foi expontaneamente offerecer se para esse encargo.

Como cura de almas foi de um zelo enexcedivel, inimitavel até.

Quando se recolheu á doce thebaida de Santo Emilião rodearam-no, em breve, alguns novos discipulos. Quasi todos ahi estavam ainda para confirmarem o desvelado carinho do seu trato, a affabilidade com que sabia ensinuar-se nos corações de todos e metter a todos dentro do seu coração.

Leccionou alli mathematica, philosophia e latim.

Elevou quasi da indigencia á augusta missão sacerdotal muitos filhos d'esta terra. Guiou-os atravez da escabrosa senda escolar, tendo-os iniciado n'ella elle proprio, amparando-os sempre com os seus esclarecimentos luminosos e com os seus conselhos paternaes.

Um d'elles, que é um sacerdote exemplarissimo, um sacerdote modêlo, dizia-me ainda ha bem poucos dias: «se não fosse aquelle santo, eu nunca chegaria a ser padre».

Quando se retirou da freguezia de S. Martinho deixou uma saudade profunda e intensa nos corações de todo aquelle rebanho espiritual.

Elle podia dizer como S. Paulo ao despedir-se dos christão da Asia: *argentum et aurum nullius concupivi*. (1)

Poriso tambem aquelles que lhe tinham amor verdadeiramente filial, ao ficar orphãos do seu carinho e da sua bondade, choravam cheios de saudade e tristeza: *magnus autem fletus factus est omnium*.

Trouxe comsigo um rapazinho filho d'um pobre jornaleiro seu parochiano, para serviço domestico.

O piedoso egresso ensinou a creança a ler nas horas vagas.

E, conhecendo lhe propensão e habilidade para as lettras e vocação decidida para a carreira ecclesiastica, o santo velhinho acalentou lhe o doirado sonho, habilitou o para exames preparatorios e viu depois coroado de loiros, no curso superior o seu pupillo dilecto,

Foi este o Padre Custodio Bragança, que foi tambem um orador de muito merito e que seria uma gloria do pulpito se a doença o não inutilisasse tão cedo para essa ardua missão.

Falleceu ha pouco, tendo sido prior de S. Sebastião e abbade da Gonça, em Guimarães.

*
* *

Faz ainda agora um anno que D. Joaquim adormeceu no derradeiro somno e já o povo attribue á sua intercessão graças e favores sem conta.

Não quero nem me pertence a mim julgar o valor d'esta crença de muitas almas boas e simples.

Mas relato, apenas como chronista, este facto:

Um pobre artista pedreiro de S. Martinho de Campo via-se rodeado de filhos e ha muito inutilisado para o trabalho por uma enfermidade de que a medicina em vão o procurara alliviar e que afinal sentenciara incuravel.

Um dia a esposa d'este infeliz, no meio dos filhos que lhe pediam pão, cheios de fome, lembrou ás creanças que, de joelhos, pedissem com muito fervor á alma do senhor D. Joaquim que se lembrasse no céo da miseria d'aquella casa onde havia um lar sem lume e uma arca sem pão.

E os pobrezinhos levantaram as mãos supplices, ergueram os olhos cheios de lagrimas, e juntando as suas vozes innocentes aos soluços da triste mãe, rogaram ardentemente pela saude do seu progenitor.

Esta scena commovente foi ha poucos mezes.

Agora, todos os domingos, á hora conventual, na egreja de Santo Emilião se vê um homem do povo robusto e sadio, reverentemente ajoelhado a um canto, rezando n'um embebecimento estranho, absorto, como num extasis de gratidão,

Perguntando-se-lhe porque vem alli todos os domingos preferindo aquella missa á da sua parochia, respondeu: venho para ter occasião de visitar a sepultura do meu bemfeitor, do protector da minha pobre familia.

Padre Silva Gonçalves.

PENSAMENTOS

Nutre em sua casa um inimigo a pae que é nimiamente indulgente para com seu filho.

Pio II.

*

Não educar e matar os filhos são crimes quasi eguaes.

---

(1) Vivendo muitissimo parcamente, tudo que tinha nada era d'elle. Dova aos pobres todo o producto dos seus labores e todos os proventos do seu ministerio. Os seus sermões, que eram assombrosos monumentos de erudição e piedade, rendiam-lhe pouco, porque elle não acceitava quantias avultadas por elles,

O pae de quem estas linhas escreve convidou um dia D. Joaquim para prégar uma festividade n'esta freguezia (S. Lourenço de Sande).

No fim do sermão offereceu ao venerando prégador uma libra em oiro.

Tanto dinheiro! exclama o santo sacerdote.

Quem paga não faz sacrificio para dar este dinheiro? perguntou ainda. E' que a sua sede não era de oiro. E'ra sede d'almas para Deus.

*

Ignorar a historia dos nossos antepassados, o que se passou antes de nós, é ser eternamente menino.

CICERO.

*

Os dez mandamentos da hygiene

1 — *Hygiene geral* — Levantar cedo, deitar cedo, occupar o dia.

2 — *Hygiene respiratoria* — A agua e o pão sustentam a vida, mas o ar puro e o sol são indispensaveis á saude.

3 — *Hygiene digestiva* — A frugalidade e a sobriedade são o melhor licor para a longa vida.

4 — *Hygiene da pelle* — A limpeza preserva da ferrugem; as machinas mais limpas duram mais tempo.

5 — *Hygiene do somno* — Um repouso sufficiente repara e fortifica: um repouso longo amolece e enfraquece.

5 — *Hygiene das vestes* — Vestir se bem e conservar o corpo, com liberdade de movimentos, e calor necessario, preservando-o de toda a mudança repentina de temperatura.

6 — *Hygiene da habitação* — A casa limpa e alegre torna amavel o lar domestico.

8 — *Hygiene moral* — O espirito descança e se adelgaça nas distrações; mas o abuso o arrasta para as paixões e estas aos vicios.

9 — *Hygiene intellectual* — A alegria faz amar a vida, e o amor da vida é o alvo da saude. Ao contrario a tristeza e o desanimo anticipam a velhice.

10 — *Hygiene profissional* — Se nutres o cerebro não deixes paralysar teus braços e tuas pernas.

Se ganhas a vida com a enxada não te esqueças de ornar e embelezar a tua intelligencia.

ANEDOCTAS

Costumava Leão XIII, de gloriosa memoria dirigir tres perguntas aos novos incorporados na *Guarda Suissa* e sempre pela mesma ordem: — Quantos annos tendes? — Que tempo podeis jejuar? — Tendes ainda pae e mãe?

Tratando-se um dia de incorporar no dito corpo militar um soldado que ignorava o italiano, os superiores ensinaram-lhe as respostas que havia de dar ao papa, segundo a ordem porque costumava fazel-as. Leão XIII porém, não sei por que favor, alterou pela primeira vez a ordem das perguntas do ritual.

— Quanto tempo podeis jejuar? — Interrogou o papa.

— Vinte e quatro annos — reopondeu o soldado.

— Quantos annos tens?

— Dois mezes.

O papa surprehendido com as respostas do examinando:

— Ou eu ou tu não estamos bons da cabeça?

O soldado, pensando que lhe perguntava se tinha pae e mãe:

—Ambos Santissimo Padre.

Historico

O caso passa-se n'uns exames de sacerdotes para concurso.

Cabe a vez a um bacharel em Theologia.

O examinador em respeito ao grau do examinando mais que a sua sobedoria, de que tinha dado provas muito insufficientes faz-lhe entre outras perguntas de catecismo a seguinte.

— Porque chamamos ao Padre Nosso, oração dominical?

O bacharel ficou pensativo. Depois de alguma reflexão:

— Porque se resa mais frequentemente ao domingo.

*

O insigne escriptor Gabino de Tejado, acompanhava certo dia um enterro e ao chegar ao cemiterio reparou que o protestante estava, no seu canto, psalmeando resas em torno de um cadaver que iam enterrar. Estranhou o facto o dirigiu se ao pastor.

— Trataes do enterro de algum irmão vosso, snr. Pastor?

— Saiba V, Exc^{a} que sim.

— Era o falecido algum protestante?

— Assim lhe chamaes vós, ditos catholicos.

— Pois n'esse caso permitta que lhe diga que perdem o tempo com tantas rezas.

— Ora essa é boa!...

— Pois se affirmaes que não ha purgatorio, a alma do fallecido ou está no ceu ou no inferno, e em qualquer d'estes sitios para nada lhe valem as vossas psalmodias.

O *pastor* atrapalhado sem atinar com razão a oppor.

— Em todas as sociedades ha contradições.

— Desculpe, mas na Egreja catholica não as encontra o meu amigo.

*

De Pio X. — Visitava ha tempos Pio X umas obras que se estão terminando no interior do Vaticano e ao passar pelos operarios descobriram-se estes e se ajoelharam.

O bondoso papa mandou-os levantar e cobrir-se. Como recusassem fazel-o disse Pio X:

— Então descubro-me eu.

E accrescentou ao sahir para o prelado que o acompanhava.

— E lembrar-nos que esta gentinha humilde que nos prestam homenagem, occuparão talvez no ceu um logar mais alto que nós!...

Leituras amenas

Se eu tivesse mãe!...

VI

Dois córtes pela raiz

II

PASSADAS as primeiras dulcissimas impressões, ambos os esposos se desfaziam em agradecimentos ao Padre

Placido a quem chamavam o anjo que tinha restituido a paz á sua familia.

— Jesus, Virgem Santissima! — exclamava modestamente o veneravel ancião. — Anjo, a mim que sou um pobre peccador! Agradecimentos a mim quando tudo o fez Maria Santissima e ninguem senão ella! Vedes como ella é boa mãe que nos soccorre em todas nossas necessidades e alivia e até troca em prazer as nossas magoas?

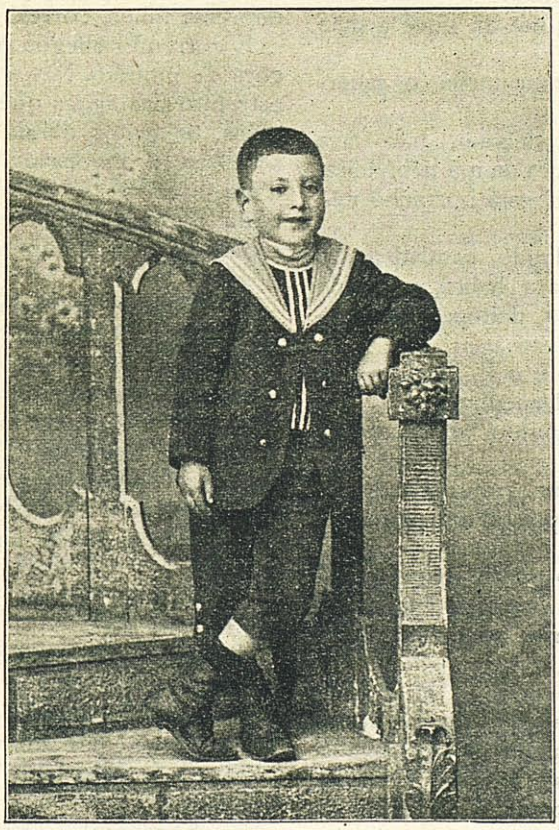
pouco merecias. Verás como ficas contente e satisfeito.

— Pois sim, P. Placido, ámanhã cedinho confesso-me comsigo se não tem inconveniente.

— Com todo o gosto, filho.

— E eu tambem, P. Placido — acrescentou Manuela.

— Exacto, justamente, filhos... Então ficamos n'isso. Que seja em boa hora, que



José Duarte Serdeira

— Um espinho tenho cravado no coração, P. Placido — disse Antonio.

— Então o que é, filho?

— E' que blasphemei de Maria Santissima!

— Pois esse espinho deve servir-te para avaliares o amor que Nossa Senhora nos tem; tornou-se feliz precisamente na noite em que mais a offendias. Olha: e esse espinho podes bem arrancal-o amanhã que é festa da nossa Patrona, Maria Santissima, com uma boa confissão, e communhão em acção de graças por um beneficio que tão

Maria Santissima vos abençoe e até ámanhã... A Madre Assumpção ámanhã fica doida quando o souber...

Eia, um beijito, Angelo!

O ancião deu um beijo no menino que, dizia, já estava bom, e outro na menina e dispoz-se a sair, e Antonio a acompanhal-o.

— A onde vaes tu? — disse o P. Placido: — deixa-te d'isso, não sejas tonto, que eu posso ir sosinho perfeitamente.

— Isso é que de modo nenhum, Padre, que isto está escuro como prégo.

— Era o que faltava! — disse Manuela.

— Está bem. Pois se queres vir vem. Apoiado no braço de Antonio foi o P. Placido todo o caminho, commentando com delicia a scena que acabava de presencear, saboreando o gosto que d'ella receberia a Madre Assumpção, e sobre tudo ponderando a sua maxima favorita. Perto já de casa ouviram a voz aguardentada de Juramentos, cantando uma cantiga obscena, que se dirigia para o moinho.

— Eh, eh... P. Placido! — gritou tartamudeando, — quando me dá você a mãe que me prometteu?

— Desgraçado! — murmurou o sacerdote.

— Deixe-o, Padre, deixe-o, não faça caso d'isso, que está agora com a bebedeira.

— Sim! que quando está borracho não se lhe pode mexer.

Juramentos foi andando, cambaleando, *mãe* para cima, *mãe* para baixo, e vendo que não lhe faziam caso, deitou uma blasphemia, e callou se.

Entretanto Antonio e o P. Placido chegavam a casa e ali se despediram.

— Ouves? — perguntou o sacerdote pondo se a escutar.

— Sim: o riacho que vem crescido, — respondeu Antonio depois d'um momento de silencio.

Effectivamente não muito longe ouvia-se o rumor da cascata que o riacho formava ao desembocar no rio, mais estrepitoso que de costume.

Aquella noite não pode o P. Placido dormir de satisfeito. Cançado de dar voltas na cama, levantou-se antes da madrugada, abriu a janella e poz-se a resar. Chamou-lhe a attenção o não ouvir já o rumor da cascata, ao qual succedera outro mais debil, parecido ao do vento nas folhas das arvores. De repente pareceu-lhe ouvir um ruido extraordinario que o poz em pé com rapidez desusada para a sua edade. Assomou á janella e escutou attentamente. A noite estava escura e no céo coberto de nuvens não se lobrigava uma estrella. Só lá para o nascente reflectiam já os primeiros arreboes da madrugada.

— Jesus! — exclamou: — um grito de mulher!... vae o rio cheio!...

E sem esperar mais tomou o chapeu, vestiu a garnacha, desceu as escadas o mais rapidamente que lhe permittiram as suas pernas, e em um instante poz em movimento toda a visinhança, batendo ás portas e dizendo a quantos com semblante assustado vinham ás janellas:

— Depressa, filhos, a correr! .. Ha uma cheia espantosa e pessoas em perigo; que se ouvem gritos de mulher; chamae a todos os visinhos... que vá um avisar o parocho, outro o regedor e alguma policia... correi todas ao moinho que é de lá que se ouvem as vozes... Venham traves, cordas e tudo o que tiverdes á mão... depressa filhos, correi!

E correndo chegou primeiro ás immediações do moinho. Não via nada mas ouvia o estrepito das aguas que bramavam enfurecidos, os gritos d'uma mulher que pedia soccorro e invocava o céo, os lamentos d'um menino, e as vozes destemperadas d'um homem. Foi avançando até que de repente sentiu a impressão da agua a seus pés.

— Virgem Santissima!—exclamou, benzendo-se. — Agua até aqui... o moinho ficou lá para o meio do rio!... Então foi ouvida claramente uma blasphemia, e em seguida a voz d'uma mulher gritando:

— Por amor de Deus!... não jures! Porem a voz vomitava cada vez blasphemias mais horriveis. O P. Placido benzeu-se, e levantando as mãos para o céo exclamou gritando:

— Perdão, Senhor, perdão, que elle não sabe o que diz!...

E em seguida, reunindo todas as suas forças, e collocando as mãos á bocca deu vozes gritando quanto podia:

— Pedro! por amor de Deus não blasphemes!... Não jures por amor de Maria Santissima!

— Soccorro!... gritaram juntos Juramentos sua mulher e seu filho.

— Esperança!... meus filhos! — disse o P. Placido. — Já ahi vem soccorro! Encommendae vos á Virgem Maria!

Ao mesmo tempo chegavam correndo grande numero de visinhos, com o Parocho, Regedor e uns poucos de policias. Os gritos do moinho continuavam. A situação era angustiosa. Um momento que se perdesse era de terriveis consequencias.

Deitarem-se a nado para salvar aquelles infelizes era impossivel de noite, e tendo de luctar com a força da corrente.

— Uma jangada! — disse o P. Placido á gente que acudia.

E otdos, debaixo da direcção do Parocho, do Regedor, e dos policias reuniam a toda a pressa algumas travessas, e ataramas fortemente para armar uma jangada ou balsa. Esta operação era de muito tempo, mas não se podia fazer outra coisa, por não haver barcas na villa. Entretanto ia amanhecendo. E os resplendores do risonho dia que despontava permittiram á multidão comprehender o horrivel da situação. Ninguem se lembrava de ter visto uma cheia tão consideravel! o rio tinha avançado muitos metros alem do que nas maiores de que se lembravam os velhos; tinha subido tanto a agua que não se conhecia já a cascata do outro ribeiro, que vinha confluir com o rio; tudo estava coberto pelas aguas que baixavam sangrentas espumosas, rugidoras. No moinho completamente isolado, assomavam á porta, um alto corredor de madeira, pedindo soccorro desesperadamente Juramentos, sua esposa e o pequenito. A seus pés as aguas do açude que saíam com força extraordinaria pelo arco das rodas, formavam um immenso redemoinho. Juramentos viu com espanto a impossibilidade de se deitar a nado no meio d'elle, e a casa não tinha saida senão por aquelle lado; e a agua subia, subia, subia... já tocava o plano do corredor. E as madeiras rangiam e as paredes quasi abanavam ao violento embate da corrente... Aquillo era um quadro desolador... A mulher posta de joelhos, estendia os braços invocando a Virgem Santissima, Patrona da villa cujo sanctuario se destacava á esquerda em uma collina proxima; o menino abraçado a sua mãe, chorava tremendo e chamava tambem por N. Senhora; Juramentos de pé, immovel com os braços cruzados, contemplava com angustiosa impaciencia a construcção da jangada e aos bocados vomitava uma blasphemia.

— Ai! por amor de Deus, não jures — gritava de afflicção a mulher.

— Pedro, por amor de Maria Santissima não jures! — gritava tambem de cá o P. Placido.

Finalmente a jangada lançou-se á agua e algumas pessoas com dois policias saltaram n'ella, avançando esta lenta e penosamente rio acima em direcção ao moinho. As varas em que faziam fincapé para avançar, rangiam e dobravam; de vez em quando a jangada retrocedia e balanceava-se sobre o abysmo. A multidão que contemplava aquelles valentes com anciedade, animava-os com vozes e lançava um grito de horror quando advertia algum contratempo. A balsa ou jangada evitando o redemoinho que se formava ao pé do corredor ou varanda dirigiu-se para o moinho pelo lado esquerdo.

— Aqui! aqui! — grítavam os conductores. E ao mesmo tempo com quatro picaretas procuravam instantemente desde a jangada abrir uma brecha na parede lateral.

Quando levavam já sua obra adeantada um grito da multidão os adverte de que correm perigo; deixando então a debil embarcação á mercê das aguas, afastam se precipitadamente do muro, e este desabou com espantosa ruina. Sobre o debil tabique d'um quarto que fica a descoberto apparecem Juramentos e sua familia.

O perigo d'aquelles desgraçados era imminente. Todo o madeiramento lançava fortes gemidos e a casa padecia frequentes abalos. A mulher cahiu de joelhos, estendeu os braços para o Sanctuario que então se lhe erguia em frente e com um grito de suprema angustia exclamou:

— Virgem Santissima!... O' minha mãe!... O menino estreitamente abraçado á sua mãe, alçou tambem os olhos cheios de lagrimas á ermida, clamando com accento infantil:

— Minha mãe!...

Juramentos profundamente commovido, não pode conter-se; cahiu tambem de joelhos, e com os braços estendidos para o Sanctuario gritou egualmente com voz forte, rouca e cançada:

— Oh! Minha Mãe!...

— Amparae-os, Virgem Santissima, amparae-os!... — Era o clamor da multidão ajoelhada á margem, contemplando tão doloroso espectaculo.

Os da jangada entretanto comprehendendo a importancia fatal de cada momento, faziam heroicos esforços por se approximar das ruinas. Quando se viram a uma certa distancia arrojaram a Juramentos uma corda cuja ponta ataram á jangada. Pegaram se aquelles desgraçados á corda, como á sua taboa de salvação. Mas ao puxar por ella sentiram que o pavimento gemia, vacillaram, alçaram os olhos á Virgem, não sei se para a invocar, se para lhe dizer o

ultimo adeus, e estreitamente abraçados entre o temeroso rumor da corrente e o estalar secco das madeiras, e os gritos desesperados da multidão, desappareceram debaixo das aguas.

Conclusão

I

Enroscado no seu banco tradiccional dormia philosophicamente Farrunhas, se não o somno dos justos, ao menos o dos satisfeitos, quando veio despertal-o a repentina presença de Colin, que, alegre como um par de castanholas, saltava e brincava, ia e vinha, sentava-se e tornava a correr com sua costumada mobilidade e alegria.

— Correm bons ventos hoje por casa, Colin — disse o gato.

— Cala-te, que estou que rebento de gosto.

— Ora essa! Que foi?!

Então não sabes? Já acabaram as más caras, e nada tudo n'um mar de rosas. Fizeram-me hoje mais caricias do que nunca. Emfim estou tão alegre que até me dá vontade de te dar um beijo — E Colin approximando-se.

— Olá! isso nunca; mais olho com a brincadeira, e fallemos a respeitosa distancia.

— Sempre arisco.

— E tu sempre tonto.

— Tonto porquê?

— Porque sempre has de andar com os olhos nos amos; e se andam tristes, ahi estás tu triste, se alegres, ninguem te atura de contente.

— Então não havemos de observar as leis de familia? E tu não sentias o desgosto dos amos?

— Lá sentir, sentia; mas não podia chorar... Incommodar-me eu por alguem... pois não.

— Nem te alegras de estarem todos hoje contentes?

— Eu? nem pouco nem muito. — E arqueou o lombo e deu um soberbo bocejo.

— Não digas isso, Farrunhas, que me sulphuras.

— Vae, tontinho, vae andandando com essas mesuras, que has de engordar muito com ellas.

— Sim, sim! tu não sabes fazer nunca roda aos amos.

— Cada coisa a seu tempo. Se se trata de comer...

— Oh! então já sabes fazer a *gata morta* que parece que não quebras um prato.

— Pois isso é que é ser fino e emquanto não entenderes esse registo não has de fazer coisa de substancia.

— Mas ao menos hei de ser um cachorro de bem.

— Pois sim! e que te faça bom proveito.

— Cala-te, ingrato! que tens a alma tão negra como o pêllo.

— E tu o pêllo tão mole como a alma.

— Deixa estar que eu agora me desforro.

— Pois eu não preciso de me desforrar.

— N'este mundo todos os velhacos têm fortuna.

— Dá-me talhadas, e chama-me o que quizeres.

— E pensas que não t'as posso dar? alguma espero comer hoje.

— Lá me parecia! Estavas muito contente...

— Não é lá pelas talhadas, mas é por vêr contentes os amos.

— Ora pois não!

— Pensa o ladrão que todos são da sua condição.

— Está bem, está bem. E vá lá então, onde vaes buscar as talhadas?

— Pois não sabes que esta manhã vamos toda a familia de romaria ao sanctuario em acção de graças?

— Não sabia.

— Judeu, moiro! D'isso nunca sabes nada...

— Como tu estás em intimidade com os amos...

— E já se vê que estou.

— Muito bem? Mas o que eu não sei é como da romaria tiras isso das talhadas.

— Ora!... é que vamos passar o dia no campo, e levamos uma merendola, alto lá com ella... salpicão, chouriça, galinha, bolos, emfim, meu rico não te digo nada.

— Ah! Sim; recordo tel-a visto preparar á noite,

— Pois pudera! se tu não havias de ver... e cheirar... e...

— E até provei d'ella antes que tu; que bom pedaço de chouriça metti cá para o bandulho.

— Ah! ladrão! em troca hoje has-de vêl-a.

— E eu que me ralo! havendo onde deitar a unha.

— Então vens?

— Não, Colin: que te divirtas, e bom proveito.

— Adeus, Farrunhas; que durmas bem.

— Fica por minha conta — respondeu Farrunhas —, e tornou a enroscar-se.

Pouco depois sahiam todos de casa; Antonio com a cesta das provisões; Manuela, radiante de felicidade com a sua menina nos braços, e Angelito completamente restabelecido, estriando a sua roupa nova.

Colin saudou cortezmente as gallinhas dizendo:

— Minhas senhoras, até á volta.

— Como vae concho, senhor Colin! — disse uma d'ellas.

— Isso é a inveja que você tem.

— Pois! Como se codêa com os amos!...

— E com muita honra!

— Viva o luxo!... — gritou o gallo.

— E quem o tem quem o gasta — respondeu Colin.

(Continúa).

Elevação da alma a Deus

(De J. B. Rousseau)

Louva, ó minha alma, o Deus eterno, immenso...
Casa das preces c'o fragrante incenso
Hymnos ao digno objecto d'eternaes louvores.
Dá, ó Senhor, que eu tenha tambem parte
Dos cherubins na gloria: eu quero amar-te
E ao som da lyra celebrar teus mil favores.

Só Deus é nossa esp'rança eternamente,
Só Elle, cujo braço omnipotente
Tirou do nada o ceu, a terra e o mar profundo.
E que, tranquillo em paramo insondavel,
Animou com seu verbo incomparavel
Milhões de seres espalhados pelo mundo.

Ditoso quem das peias do peccado
Liberto e só do Ceu todo occupado
Em Deus espera e lhe confia o seu destino!
Elle protege a candida verdade,
E nunca sem defeza deixar ha-de
O justo perseguido por algoz ferino.

Deus nos ministra o pão que nos sustenta,
Deus dá-nos o remedio que aviventa,
Cumula-nos de bens, abranda nossas dores,
Dirige nossos passos sobre as fragas,
Dos rôxos pulsos solta-nos as bragas
E faz nos ser de mil tyrannos vencedores.

Elle offerece ao timido estrangeiro
Um braço, de entre os braços o primeiro,
E um doce pae o orphão n'Elle reconhece:
E' da viuva o desvelado esposo,
E sabe com castigo rigoroso
Do impio confundir o machinar refece.

Dos reis da terra o imperio é limitado,
Incerto e mal seguro é seu reinado
Cedo passando ao acenar da Divindade:
Mas do Senhor o sceptro grande, immenso
Oh! nunca perderá seu brilho intenso
Nem no volver dos tempos nem na eternidade.

Setubal. NUNES FORMIGÃO.

Culto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

BRAGA

PASSOU no dia 25 de março o 9.º anniversario da fundação do *Pão de Santo Antonio.*

Para solemnisar condignamente este dia houve de manhã communhão geral na egreja dos Terceiros, seguida de missa acompanhada a orgão, e da distribuição de 1000 pães de milho e 1000 pães de trigo aos 1000 pobres soccorridos semanalmente com o *Pão de Santo Antonio.*

E' indiscriptivel o fervor com que n'aquelle dia se approximaram da Sagrada Meza os pobres de Santo Antonio, e o enthusiasmo com que uns aos outros davam o parabem no dia de *sua* festa.

Pelas 11 horas da manhã, acolythado de dois religiosos de Montariol, cantou missa o rev.º snr. Vice-Reitor do Seminario.

No côro foi a missa executada pelo Collegio dos Orphãos de S. Caetano, com admiravel piedade e rigor liturgico.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o rev.º Padre Presidente da Commissão Administradora do *Pão de Santo Antonio* que mostrou a um numeroso auditorio que este *Pão abençoado* vale bem a lei natural e a lei moral.

*

Perante o desenvolvimento assombroso

d'esta grande instituição, que de anno em anno, tem alastrado mais na capital do Minho, fica-se estupefacto, e não se sabe o que admirar mais: — se a idéa nobre que lhe preside, se a sua continuidade e constancia.

Aos bemfeitores mencionados no nosso numero de março, é-nos grato ajuntar hoje *os que nos enviaram as seguintes quantias:*

Rev.º Arcipreste de *Fozcôa*	500
B. C. Caldas Junior—*Vizella*	75
J. Cardoso da Silva—*P. Ferreira*	500
Maria da Conceição Fernandes—*Arega*	500
João Lopes Larangeiro—*Santarem*	600
Santa Liga de Santo Antonio—*Bahia*	2$000
A. P.—*Barcellos*	100
Rev.º Padre Antonio de Lacerda	2$250
Antonio M. Cardoso—*P. Ferreira*	500
J. M. Carneiro Varziella—*Santo Thyrso*	5$000
Ir. C. da Apresentação—*Fundão*	7$250
Rev.º Padre Antonio Guedes de Lima—*V. Juzã*	800
D. Candida Falcão de Seabra—*Vinhaes*	9$460
Total	29$835

A *Romaria das terças feiras* em contraposição á *romaria dos sabbados* encontrou echo nos corações de distinctos cavalheiros e illustres damas bracarenses, mas dividem-se as opiniões sobre a sua realisação.

Rasões contra:

1.ª) E' impossivel haver accordo entre todos os proprietarios e bemfeitores.

2.ª) Mesmo que houvesse accordo, não se poderia matar a *romaria dos sabbados:* 1) Porque a pobreza é irrequieta e viria sempre; 2) Porque o pobre não vive só de pão.

Rasões em favor:

1.ª) E' possivel haver accordo entre todos ou quasi todos os proprietarios e bemfeitores, pela mesma rasão que é possivel haver accordo para a *romaria dos sabbados.*

2.ª) E' necessario este accordo: 1) Para obrigar o pobre a ir á Egreja; 2) Para allivio do rico; 3) Para a vigilancia e fiscalisação da pobreza; 4) Para que, engrossando as esmolas nos cofres de Santo Antonio, possa a *commissão administradora* dar á pobreza, alem do pão outras esmolas.

Fica aberto o plebiscito. Queiram os nossos leitores continuar a communicar-nos a sua opinião. Da discussão ferida sahirá luz, e da luz uma nova phase para o *Pão de Santo Antonio.* (1)

*

Abriram-se no principio d'este mez os cofres de Santo Antonio, e encontraram-se:

Petições ao Santo	62
Graças	2
Requerimentos pedindo pão	24
Dinheiro em papel	52$000
» » prata	88$200
Moedas de 20 réis	26$160
» » 10 »	9$550
» » 5 »	1$305
4 meias libras em oiro	5$420
Total	207$375

Snr. redactor da *Voz de S. Antonio:*

Peço o favor de publicar na *Voz de S. Antonio* a seguinte carta o que prometti ser publicada.

Meu glorioso Santo. — Venho cumprir a promessa que vos fiz de publicar o milagre que me fizeste pois perdi em Lourdes uma carteira com 140$000 réis no meio d'uma confusão immensa de gente. Pedi á Virgem de Lourdes e prometti vos 1$000 réis se me apparecesse a carteira. Ainda não eram passadas tres horas já me era entregue a carteira com todo o dinheiro. Foi um grande milagre que agradeço á Santissima Virgem e a Vós. Envio-vos 1$000 réis que vos prometti. Vossa dedicada serva. — *C. A.*

— *Padre Agostinho Motta,* deposita aos pés de Santo Antonio 30$000 réis, esmola de um anonymo para 1000 pães de trigo, distribuidos no dia 25 de março, 9.º anniversario do *Pão de Santo Antonio.*

Braga, 25—3—904.

GUIMARAES

Snr. director da *Voz de S. Antonio:*

No dia 29 do mez findo a commissão do Pão dos Pobres de Santo Antonio dos Milagres, da egreja de S. Francisco d'esta cidade, distribuiu 200 brôas de pão a 200 pobres, assistindo estes á missa, e pratica pelo rev.º Padre Francisco Saraiva, que se prestou a ouvir de confissão aos pobrinhos, que foram muitos e seriam todos se houvesse mais quem acompanhasse o rev.º Padre Saraiva n'estes trabalhos.

Ainda assim bastantes pobresinhos receberam a Sagrada Communhão.

Em 29 d'abril de 1900 foi a primeira distribuição e dessa data até hoje foram distribuidas 5:013 brôas, na importancia de 492$545 réis, renderam as esmolas 505$150 réis; saldo de 12$605.

Remetto diversas cartas de agradecimento, para a *Voz de S. Antonio,* se julgar conveniente a sua publicação.

Guimarães, 5 de abril de 1904.

De V. etc.

José Joaquim Comes da Silva.

(1) Para evitar confusão dirijam as suas cartas para o R. P. Director Nacional da Pia União — Montariol — Braga.

Agradecimentos

Recorri a S. Antonio pedindo a saude de um doente, e prometti mandar dizer uma missa no seu altar, e uma esmola boa. Venho agradecer e cumprir o promettido. — *R. T. de Menezes.*

— *Meu glorioso S. Antonio.* Venho a vossos pés agradecer-vos o grande milagre que me fizeste por me livrardes do serviço militar como vos tinha pedido, pois quando via tudo perdido por ter sido apurado e já não tinha esperança alguma, vós viestes em meu soccorro e milagrosamente me salvastes. Continuai a proteger-me em todas as minhas necessidades. Aqui vos dou a quantia de 200 réis que vos tinha promettido para o pão dos vossos pobres. — *M. Antunes.*

Guimarães, 30—7—903.

— Uma devota de S. Antonio entregou á commissão do pão dos pobres de S. Antonio dos Milagres, da egreja de S. Francisco, uma raza de milho, que se vendeu pelo preço de 550 réis. — *G. Silva.*

Guimarães, 22 de dezembro de 1903.

— *Meu glorioso S. Antonio.* Cheio do meu maior reconhecimento pela vossa grande protecção, vos agradeço o deparardes-me os papeis que tinha perdido, depois de me vêr consumido em sua procura, e já sem esperanças de os encontrar recorri a Vossa protecção, logo os encontrei, o que vos agradeço do coração. Dou-vos para o pão dos vossos pobresinhos 200 réis. *Vosso devoto.*

Guimarães, 22—10—1903.

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Do fundo da minha alma vos agradeço os grandes favores que tenho alcançado de Nosso bom Deus, por vossa intercessão, pois não tenho recorrido a vossa poderosa protecção invocando o vosso auxilio, que não seja logo attendida. Aqui vos dou a esmola promettida, de quinhentos réis para o pão dos vossos pobresinhos. Vossa devota. — *Emilia.*

30—9—1903.

— *Meu milagroso Santo Antonio.* — Agradeço de todo o coração a graça que me concedestes, assim como ao meu marido. Continuae a protegernos. Aqui vos deixo 1$000 réis para o pão de vossos pobresinhos. Vossa devota. — *Thereza.*

Guimarães, 2 de Junho de 1901.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Venho hoje agradecer-vos todas as graças que me tendes concedido e dar-vos a esmola que vos prometti —*M. D. P. S.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos, reconhecida, as innumeras graças que me tendes alcançado. Em acção de graças vos envio a quantia de 800 réis que prometti para o pão dos pobres, tornando assim bem publica esta graça. — *A. M. d'Oliveira.*

29—7—903.

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Venho por me o d'esta agradecer-vos as duas graças que vos dignastes fazer-me; peço-vos me perdoeis por eu não ter cumprido este meu dever, não deixando de me proteger. — *Uma devota vossa.*

Guimarães.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Além das muitas graças que me tendes feito, vou, do intimo do coração agradecer-Vos, mais esta grande graça que acabaes de me conceder; por isso dou-vos o que Vos prometti 100 réis para o pão dos vossos pobresinhos e continuae a proteger-me que eu Vos serei sempre fiel. — *A. N. L.*

Guimarães.

VILLA DA MAGDALENA, ILHA DO PICO (AÇORES)

Meu amado Santo Antonio. — Agradeço-vos do coração a graça obtida, por vossa intercessão, de nos acudirdes com o nosso rendimento no Brazil, no tempo em que mais o precisavamos e pedimos. Por tão grande beneficio vos mando 500 réis, para o pão dos vossos pobresinhos, como vos prometti. A vossa devota.— *Jeronyma Margarida.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos de todo o meu coração, duas graças por vossa intercessão obtidas; a 1.ª, por livrardes um animal domestico, da morte que parecia eminente; a outra por favores, que só por vosso alto valimento poderia alcançar. Por taes beneficios, voremetto 1$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Uma vossa devota.*

—*Meu amado protector Santo Antonio.*—Agradeço-vos de todo o meu coração a graça obtida, de me livrardes, quando a vós recorri, n'um momento de tribulação, de inesperados incommodos de justiça, sem motivos, e de que só a vossa alta protecção me livrou. Por tão grande beneficio, vos mando 1$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Vossso fiel devoto. — *P. L.*

FUNDÃO

Glorioso S. Antonio. — Eu vos agradeço as melhoras que alcançaste áquella pessoa por quem vos pedi e vos envio 5$000 réis, que em seu nome vos prometti Envio-vos mais 2$250 de outra senhora, por uma graça concedida a *V. D. I. C. A.*

— *Nosso querido S. Antonio.* — Do intimo das nossas almas agradecemos a graça que vos imploramos de nos alcançardes que uns objectos nos viessem á mão o que nos parecia impossivel obter.

Por isso recorremos á vossa poderosa intercessão promettendo-vos 1$500 réis, para os vossos pobresinhos, de accrescentar ás nossas orações á perpetuidade o vosso Responsorio e de fazer-nos publicar em dois idiomas este milagre se o alcançassemos. Como vos dignastes attender-nos queremos hoje com corações gratos, cumprir a nossa promessa, pedindo-vos para o futuro a vossa continuada e valiosa protecção. *Umas devotas de S. Antonio.*

SANTO THYRSO

Snr. P. director da *Voz de S. Antonio*:

Junto a esta envio a quantia de 5$000 réis com o fim de ser applicada para ajuda do pão dos pobres de Santo Antonio. — 2$000 réis tem o fim do que se refere a minha carta ultima, graça muito importante que espero Santo Antonio me fará, 1$000 réis foram offerecidos por duas graças mais que já obtive e o restante é em acção de graças por tudo quanto tenho recebido do mesmo Santo.

4 d'abril de 1904. De V. Ex.ª

J. M. C. de Varziella.